

APONTAMENTOS PARA UM ENSINO DA HISTÓRIA DA ÁFRICA POR DENTRO

Anselmo Ferreira Machado Carvalho¹

Resumo

Este artigo se propõe a dar uma contribuição ao que sugere a Lei 10639/03 que regulamenta o ensino da História da África e de seus descendentes no Brasil, a partir das contribuições de Franz Fanon², do historiador Jacques Delpechin³, dos cineastas africanos, dentre eles Souleymane Cissé e Ousmane Sembene, que nos trazem uma visão da África por si mesma, ou seja, da África *por dentro*. Um dos nossos objetivos é apresentar aos professores da rede pública de ensino- aos quais este texto possa chegar- novas perspectivas do ensino da História da África, desconstruindo as visões centristas e, mostrando, a partir da África, que a humanidade, e os seus processos de destruição, exploração, perda da consciência histórica e desumanização são universais.

Palavras-chave: África, ensino, lei 10.639/03, Fanon

1. Introdução

Os crimes contra a humanidade continuarão se não forem reconhecidos, se forem apagados da memória coletiva, se não forem mostrados por dentro. Como disse Hobsbawm, uma das tarefas do historiador é lembrar o que os outros esquecem⁴, mas não é apenas descrever os processos de desumanização, como foram o Holocausto alemão na Segunda Guerra Mundial, o extermínio dos nativos latino-americanos pelos europeus, como foi o tráfico de africanos para as Américas, como a colonização europeia na África - também holocaustos; é preciso ir muito mais além, e, no rastro do que nos diz Fanon de que é preciso nos livrarmos das amarras que nos prendem, dos complexos que nos aprisionam.

Quanto aos livros didáticos brasileiros⁵, a maioria deles, quando abordam a história africana costumam enfatizar a desconstrução da África única, e ao mesmo tempo, retratar a diversidade dos povos. No entanto, deixam a desejar ao negligenciarem a visão africana, o processo de dominação colonial e os seus efeitos mais profundos. As fontes orais são as mais utilizadas pelos historiadores, muito embora, em se tratando de África, pensar historicamente é fundamental para entendermos os sentimentos mais profundos pelos quais a humanidade passa e passou em busca da vida em harmonia com a natureza, da solidariedade e, sobretudo, da vida

baseada na coletividade que tanto nos nega o sistema capitalista e suas ideologias massificantes e individualistas.

A poesia, a filosofia, a psicologia, o cinema, a arte, em muitas partes do mundo, serviram de resistência e caminho para a libertação dos povos. As vozes africanas, do outro lado do Atlântico, foram e são indispensáveis para pensar a Lei brasileira. Então, vamos ouvi-las.

1.1 Quais autores africanos serão utilizados e por quê?

Partindo da nossa definição de que a África *por dentro* se define por entender de forma crítica os processos mais amplos que a tornou inferiorizada e subjugada pelos colonizadores europeus, consideramos Fanon, como um dos que cumpriram o seu papel ao desvelar estes processos complexos que de uma maneira geral, desumanizaram os africanos.

As minhas análises sobre Fanon, a partir da leitura de *Pele negra máscaras brancas*, reforçam a idéia da defesa de uma história universal humana. Pois, para muito além da cor da pele, das determinações das nacionalidades, e dos processos de dominação colonial européia seja na África ou em outros cantos do mundo; o que fica evidente é a dominação do homem pelo homem, ou melhor, a sua desumanização.

No entanto, Fanon deixa bem claro que os princípios ativos da dominação colonial são forjados e alimentados no decorrer do processo de sua implantação. As clivagens de cor são um importante marco no processo que desemboca na dominação, sobretudo, psicológica, mas não somente, esta dominação é econômica, cultural e política.

O que faz um negro colonizado a querer usar máscaras brancas? O que faz um negro colonizado querer se comportar como um europeu? Ou mesmo expressar um sentimento de “vingança”, a partir do sexo com uma branca européia?

Esta introjeção psicológica na cabeça do colonizado, de que ele precisa ser como o colonizador, sobretudo, em suas terras, é uma das amarras quase que “invisíveis”, e que nos permitem compreender a totalidade do processo de desumanização.

Devolver a humanidade, ou melhor, colocar o ser humano no seu devido lugar, despir-se da estrutura racista criada e entendê-la como um mecanismo que aprisiona é uma forma de libertação. Inclusive para a produção do conhecimento histórico, que seguindo os passos de Fanon, seria uma história que estimularia as percepções, as vivências mais profundas dos sujeitos, em seus processos criativos, sejam literários,

científicos, ou mesmo seus sofrimentos mais íntimos. Esta História levaria em conta, sobretudo, o princípio que conduziria o colonizado, a desaprender aquilo que foi ensinado, imposto. Mas este não é um processo tão fácil assim. Pensemos na história do Brasil, que viveu pouco mais de três séculos sob a égide de um regime escravocrata. Descrever apenas os mecanismos pelos quais estes sujeitos foram submetidos à escravidão e/ou tráfico, ou como reagiram a ele, seria a melhor maneira de entender esta história?

E em se tratando do ensino desta história nas escolas brasileiras? Pedagogicamente é possível ensinar a desaprender o que foi ensinado? São questões que perpassam também pela legislação e pelas demandas sociais no Brasil contemporâneo, que dentre outras coisas, defendem a reparação no *hoje*, das mazelas vividas no *ontem*. Baseado nas idéias de Fanon, esta reparação não reforçaria em parte as amarras do próprio sistema escravista, atualizado atualmente, pela exclusão de parte dos afro-descendentes? Isto não soaria numa forma de reacionarismo para os que, na defesa de uma identidade negra recorreriam na defesa de políticas de reparação?

Devolver a **humanidade** e se comportar como integrante de uma história humana seria um dos caminhos, pois assim, a ruptura da perspectiva do colonizado estaria começando a ser quebrada.

Utilizamos aqui, um biógrafo de Cheikh Anta Diop⁶, para mostrar a importância deste autor nos estudos da história africana como um saber científico e autônomo, que rompe, inclusive, com as visões centristas europeizantes. Só se faz história a partir e na Europa?

Pensadores como Hegel⁷, que contribuiu para o pensamento de Marx com a dialética, escreveram coisas absurdas sobre África, negando sua humanidade. Isto refletia o pensamento eurocentrista e racista europeu do século XIX, que justificou inclusive, a dominação européia na África alegando a inferioridade africana, aquela posição de que em África não existiria história e muito menos uma civilização.

2. A Lei 10639/03 e a África *por dentro*.

O que a lei brasileira diz? Como cita Fanon? Fala da África *por dentro*? Estas questões são pertinentes e nos ajudam a criticá-la e ao mesmo tempo, apontar saídas para seus equívocos.

Vejamos como a lei brasileira se apropria de forma equivocada da obra de Fanon *Os condenados da Terra*:

Como bem salientou Frantz Fanon, os descendentes dos mercadores de escravos, dos senhores de ontem, não têm, de assumir culpa pelas desumanidades provocadas por seus antepassados. No entanto, têm eles a responsabilidade moral e política de combater o racismo, as discriminações e, juntamente com os que vêm sendo mantidos à margem, os negros, construir relações sociais e raciais sadias, em que todos cresçam e se realizem enquanto seres humanos e cidadãos. Não fossem por estas razões, eles a teriam de assumir, pelo fato de usufruírem do muito que o trabalho escravo possibilitou ao país⁸.

Ora, ao certo que a boa convivência deve ser um princípio universal de qualquer relação entre seres humanos, no entanto, parece-me ingênuo demais entender que a partir da não culpa dos brancos, possamos desenvolver “relações sociais e raciais sadias”. Desta forma, estaríamos corroborando com o mito da democracia racial brasileira, justificados há anos por uma intelectualidade brasileira racista, da qual Gilberto Freyre foi um de seus representantes.

Além disto, Fanon não disse o transcrito pela lei, pelo contrário, para ele a separação entre o mundo negro e o branco é que tem de ser superada. Afinal como bem salientou Alice Cherki, sua prefaciadora “lutar contra o racismo é inútil, se não se evidenciam os efeitos da opressão exercida pela cultura dominante, opressão que atinge as comunidades, o político e a cultura, mas também o ser psíquico”⁹. E, parafraseando Fanon, mais uma evidência de que o problema do racismo é sistêmico e perpassa pela dominação colonial, que também serve para entender a situação racista brasileira, assim, afirma que, “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia. Precisamos ter coragem de dizer: é o racista que cria o colonizado”¹⁰.

A busca da liberdade do ser humano está dentre outras coisas, na superação do complexo do colonizado, na libertação do indivíduo, e na destruição das máscaras brancas. A Europa e sua colônia mais bem sucedida e que hoje se comporta como “os policiais do mundo”- os Estados Unidos- inclusive nos procedimentos de negação e de subjugação dos povos do mundo, não tem de ser seguidos afirmava Fanon na conclusão de *Condenados da terra*. Falar de África em separado do resto do planeta não faz sentido, a globalização que aí está é um morticínio global.

Por sua vez, a Lei brasileira fala em “desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos”¹¹, mas como pensar desta forma, se o sistema/ complexo do colonizador não for superado, e se não se fizer a pergunta: quem criou e quem ou o quê mantém o racismo no Brasil? E o que ele

justifica senão a sociedade de classes sem consciência da verdadeira libertação do homem, como dizia Fanon: a libertação das consciências.

Outro problema da lei é o enfoque nos conteúdos. Em um momento ela argumenta que tem de ampliar o currículo para a diversidade, deixando-os um pouco de lado e no outro, alerta que cabe aos sistemas de ensino, à coordenação pedagógica, aos professores indicar e prover as escolas de materiais didáticos que tratem da temática. Um problema à vista: a maioria dos materiais didáticos não trazem a África *por dentro* e muito menos tocam em discussões profundas como os questionamentos mais viscerais sobre os porquês do racismo.¹²

Jacques Delpechin faz uma observação interessante a respeito da Lei 10639/03. Indaga o autor que as leis não vão mudar a consciência, ainda mais quando as mesmas, de uma forma geral, são feitas pelos que lucraram com a escravidão no passado. No caso desta lei que foi implementada na gestão do presidente Lula (2002-2010) do Partido dos trabalhadores, alguns avanços, podem ser notados, como a Criação de uma Secretaria ou Ministério específico para atender as demandas dos segmentos negros brasileiros. No entanto, uma pergunta é necessária: **o sistema educacional brasileiro está preparado para tal mudança de consciência?** Mudanças estruturais são difíceis, pois a educação no Brasil, sobretudo, a partir dos anos neo-liberais- década de 90- responderam a estatísticas que queriam o Banco mundial e o FMI e ainda continuam. Como então, os desafios propostos na lei, que são louváveis por sinal, poderão ser alcançados, se tanto os educadores, alunos e governo, desconhecem em grande parte a situação de África *por dentro*. Os filmes africanos são um bom começo.

Para Jacques Depelchin, a lei tem de ouvir o outro lado do Atlântico, e respostas não vêm prontas, assim afirma:

Por sí misma, la ley no vai cambiar la mentalidade, pero es probable que la mentalidad cambie más rápido, siempre que por el lado africano se tenga El corage de responder a esta ley10639/03. No tiene sentido enumerar La múltiples respuestas posibles, porque cada individuo, cada colectivo, pueden generar respuestas/pensamientos emancipadores dirigidos a tranformar La situación actual para el bien de todos¹³

Como vimos, o historiador Jacques Depelchin, pressupõe que uma tomada de consciência deve transcender a lei e perpassar para o campo do vivido, ou melhor, na nossa acepção: no histórico vivido, como queria Fanon.

3. Uma proposta de filmes

Uma das saídas em nível de sala de aula, mas não somente - podemos utilizar os filmes como ferramenta militante também, e pensando o cinema como uma contra-análise da sociedade no dizer do historiador Marc Ferro - é a utilização de filmes africanos¹⁴. Partindo desta premissa, aqui elenco alguns filmes de cineastas africanos como proposta de trabalho, que mostram a África *por dentro*. A partir da África podemos enxergar o processo devastador do sistema capitalista em seus diversos níveis, econômico, social, cultural e da consciência. Fanon falava e criticava o pretensão complexo de inferioridade africano, do qual um respeitado psicólogo chamado Mannoni atribuía e justificava que este, existia antes mesmo da dominação colonial¹⁵. Os filmes norte-americanos e europeus são um exemplo disto, mostrando em seus enredos, na maioria das vezes, cenas de selvageria e barbárie africana, antes da chegada dos europeu como se fosse natural. Por outro lado, boa parte desta produção quer passar a ideia de que os povos ricos irão levar a civilização para salvar a África da propalada “selvageria”.

A proposta é elencar aspectos dos filmes passíveis de discussões e comparações com a realidade brasileira e mundial e que para os professores e alunos sirvam para problematizarem suas respectivas realidades.

Um dos filmes, **Bamako**, que leva o nome da capital do Senegal, do cineasta **Abderrahmane Sissako**, é uma boa síntese da situação contemporânea africana e os efeitos pós-coloniais. A trama é o julgamento público das instituições financeiras capitalistas, especialmente o Banco Mundial e suas conseqüências para os povos africanos. Uma analogia bem possível à ação destas instituições no Brasil. Os africanos soltam a voz no filme, especialmente as mulheres, denunciando as mazelas exteriores trazidas pelo colonialismo. Uma cena que reflete com intensidade a influência perniciosa do sistema é quando um ex- professor vai à tribuna, e fala que não leciona mais. Quando perguntado pelo júri se algo a mais a falar, o indivíduo dá as costas e sai. Sua palavra já bastava para deflagrar a situação em que se encontrava a educação em seu país.

Os processos de exploração e desumanização são os mesmos historicamente implementados no Brasil: da escravidão moderna à espoliação financeira das grandes corporações e bancos.

O filme “**La Noire de...**” (A negra de) de **Sembene Ousmane**, o chamado “pai do cinema Africano” resume um pouco o que Fanon expõe em *Pele negra máscaras brancas*. Este filme foi um dos primeiros dele. Mostra a situação de mulheres

desempregadas que sonham com uma França idealizada. A personagem do filme comete suicídio pela situação que lhe é imposta- empregada doméstica de patrões brancos na França, uma típica situação de escravidão. Tal ato nos remete a refletir sobre as questões psicológicas em relação ao impacto da colonização, que para o historiador, ao trabalhar com fontes mais empíricas ou mesmo orais, muitas vezes não mensura esses processos. A morte de Diouana, a protagonista do filme, reflete bem as ilusões de que os países ricos são a vitrine do mundo e desejo do colonizado ser e ter as mesmas perspectivas do colonizador. Podemos fazer uma alusão do quanto a propaganda de um mundo consumista pode esconder os processos de exploração.

Em **Ceddo** de 1977, Ousmane revela as tensões religiosas intestinas, sobretudo pela conversão forçada das religiões monoteístas, em especial o Islã, em detrimento da negação das religiões tradicionais africanas. Podemos fazer uma relativa comparação ao tratamento dado por alguns segmentos de religiões dominantes no Brasil a respeito das religiões de matriz africana, em especial o candomblé.

Já o filme **Yeelen** (1987) de **Souleymane Cissé**, fica a impressão de como o cinema africano retrata sua história a partir de dentro, que é, inclusive, a perspectiva tratada neste artigo. A idéia do diretor do filme é mostrar de forma espontânea, a vida cotidiana de uma família dentro de uma comunidade no Mali, suas tradições, seus conflitos, os rituais religiosos e a sua influência na vida das pessoas ali envolvidas na trama.

A busca incessante de um jovem por seu pai na tentativa de desvendar um “feitiço” ou algo similar, ao mesmo tempo, os conselhos do seu tio – uma espécie de **Doma**, ou ancião- figuras de grande importância nesta região de tradição bambara, conforme nos aponta Hampate Ba¹⁶, refletem um mundo específico, com uma cosmogonia ligada aos elementos da natureza, aos animais e às plantas.

No entanto, para além da trama, acredito que a contribuição maior do filme de Cissé, seja mesmo a perspectiva da África por dentro, escapando de produção européia ou americana, com visões ocidentais sobre questões internas. Atores amadores foram privilegiados e que cultivavam as tradições mostradas no filme. Logo, retratou de forma satisfatória o universo das crenças e tradições do Mali, espaço singular, mas que, para os historiadores também, vale a percepção de que, outras tradições possuem formas singulares de se relacionarem com as questões retratadas no filme.

4. Considerações finais

A ausência de propostas da África *por dentro* implica na reafirmação de preconceitos e na dominação do pensamento colonial, sobretudo a partir da história. A ruptura desta visão implicaria na libertação dos povos subjugados no mundo, a exemplo dos africanos?

Seria um começo, mas não a solução do problema. É preciso inventar um novo homem como dizia Fanon e seguir os passos da poesia libertadora de Aimé Césaire¹⁷.

As imagens que nos passam de África, sobretudo as visões centristas nos mostram apenas um lado: o dos efeitos da exploração e a incapacidade dos africanos resolverem seus problemas como se a África fosse desconectada da realidade universal como um todo.

A África *por dentro* não é mostrada, pois assim, cairiam muitas máscaras. Máscaras estas que serviram para desumanizar não só os africanos, mas, boa parte dos que foram amargamente subjugados pelo pensamento colonial. A consciência é um primeiro passo para a ação.

Documentos

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: Out. 2004.

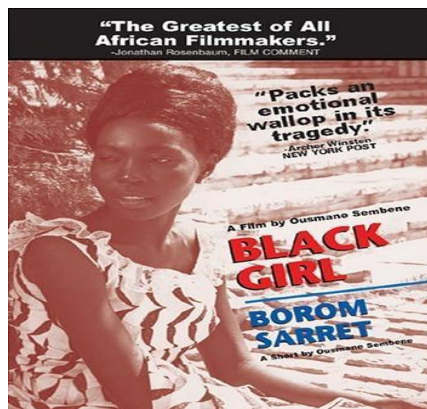
Filmografia

Ceddo, 1977 e La Noire de... 1966. (A negra de....) Direção: de Sembene Ousmane.

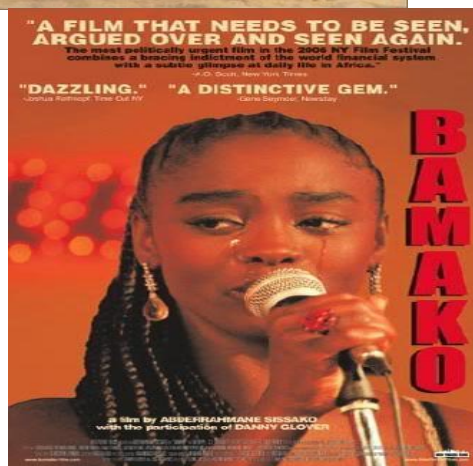
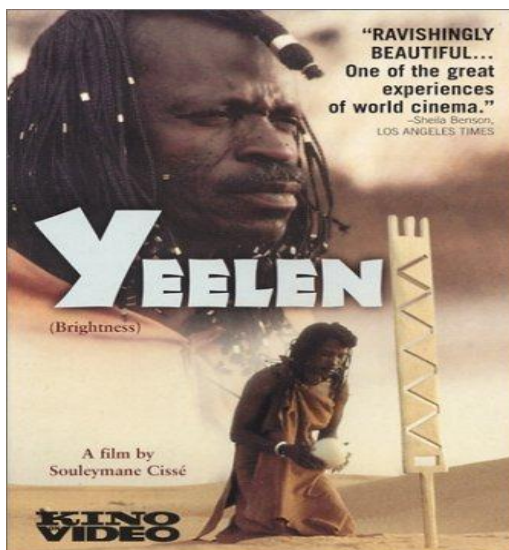
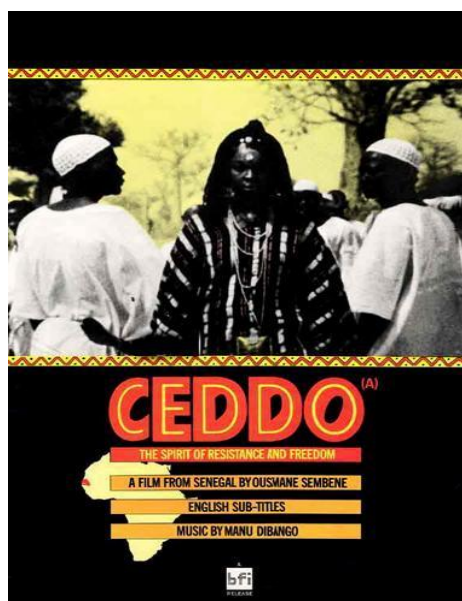
Yeelen, 1987. Direção Souleymane Cissé.

Bamako, 2006. Direção: Abderrahmane Sissako.

Anexos



La Noire de... 1966. (A negra de....) Direção: de Ousmane Sembene



Ceddo, 1977 Direção: Ousmane Sembene
Abderrahmane Sissako- Bamako(2006)

¹ Graduado em História na UFBA, especialista em História na Faculdade São Bento, Mestrando em História na UEFS. Este artigo é resultado do trabalho final apresentado ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana para a disciplina Tópicos em Cultura e Linguagens: escrita, oral e Iconográfica, ministrada pelo professor Dr. Jacques Depelchin.

² O pensador e revolucionário Frantz Fanon (1925-1961) nasceu na Martinica e depois de servir o exército francês na luta contra o nazismo, estudou medicina em Lyon, formando-se em psiquiatria. Além

da medicina, Fanon estudou filosofia, freqüentou cursos de Jean Lacroix e Merlau-Ponty, debruçou-se principalmente sobre as obras de Hegel, Marx, Lênin, Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Sartre e aprofundou-se no conceito de alienação desenvolvido por Hegel e Marx. Em 1952, ele escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas* [*Black Skin, White Masks*], um de seus trabalhos mais famosos. Logo após seus estudos, Fanon foi trabalhar na Argélia como médico-chefe da Clínica de Blida-Joinville. A partir do seu contato com a realidade da colônia, engajou-se na luta pela independência argelina, tornando-se argelino. Após sua entrada na Frente de Libertação Nacional argelina, ele tornou-se representante do Governo Provisório em vários encontros entre países africanos e do Terceiro-Mundo em geral. Em 1961, Fanon descobriu que estava com leucemia e escreveu, em 10 meses, *Os Condenados da Terra*, vindo a morrer no mesmo ano.

³ Professor de História do Mestrado da UEFS.

⁴ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵ Cf. MARTINEZ, Paulo. *África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico*. São Paulo: Moderna, 1992. (livro paradático) e MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para Entender o Negro no Brasil de Hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos*. São Paulo: Global, 2006. (livro didático). Estes livros foram citados em decorrência de terem sido utilizados por mim, como recurso didático para as aulas de História e de Cultura Afro-brasileira no ensino fundamental da rede pública municipal de Esplanada-BA.

⁶ KEITA, Boubakar Namory. *Cheikh Anta Diop: contribuição endógena para a escrita da história do continente*. Editorial NZILA. Luanda: 2008.

⁷ HEGEL, Jorge G. F. *Leciones sobre La filosofia de La historia universal*. Madrid: Revista de Occidente, traduzido do original (1837) por Jose Gaos. Na página 186, Hegel divide a África em três partes, a Européia, correspondente às margens do Mediterrâneo, a egípcia onde desenvolveu-se uma civilização e por ultimo a África propriamente dita, a negra, onde, “los hombres viven allí en la barbarie y el salvajismo, sin suministrar ningún ingrediente a la civilización”.

⁸ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA MEC. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Out. 2004, p.14.

⁹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

¹⁰ FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008, p.90.

¹¹ BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA MEC, op. cit, p.15.

¹² Idem, pp. 16-18.

¹³ DEPELCHIN, Jacques. *Por uma recuperación de la historia africana: de áfrica a Haití a Gaza*. Fahamu: Oozebab, 2011.

¹⁴ Ver as referências dos filmes ao final do artigo. Boa parte destes filmes podem ser baixados no site: <http://cine-africa.blogspot.com/>

¹⁵ FANON, Frantz. *Sobre o pretenso complexo de dependência do colonizado*. In: *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008, pp. 83-103.

¹⁶ HAMPATÉ BÂ, Amadou. “A tradição viva”, in KI-ZERBO, Joseph (org) *História geral da África*, volume 1- metodologia e pré-história na África. São Paulo: Ática; Unesco, 1982.

¹⁷ Poeta do mundo, nascido na Martinica, para quem a poesia é uma arma poderosa contra o colonialismo. Cf. entrevista <http://www.revista.agulha.nom.br/ag53cesaire.htm>.